

Hollywood mudou de endereço: o êxodo das estrelas de cinema para as séries de TV– a terceira temporada de *American Horror Story* como exemplo de parâmetro de qualidade na TV contemporânea

Viviane Rodrigues PEIXE¹

Resumo

O artigo vai dimensionar um fenômeno de (i)migração onde atrizes e atores de Hollywood reconhecidos pelo talento que emprestaram a inúmeras obras estão participando de produções da TV americana, sejam elas, minisséries, seriados, filmes, e em especial, séries. É um manifesto de que uma TV de qualidade, como dimensionava Arlindo Machado, atrai profissionais de gabarito. Como exemplo, a série *American Horror Story*, em especial, o último episódio da terceira temporada, *Coven*.

Palavras-chave: Seriados. Séries. *American Horror Story*. TV de qualidade.

Abstract

The article will scale a phenomenon of migration where actresses and actors in Hollywood recognized by the talent that they lent in many works are, now, participating of productions at the American TV, whether, they are short series, sitcoms, movies, and, specially, series. It is manifest that a quality TV, like enunciated Arlindo Machado, attracts quality professionals. As an example, *American Horror Story*, especially the last episode of the third season, *Coven*.

Keywords: Series. *American Horror Story*. Quality television.

Introdução

Não chega a ser uma “Intifada” porque não há revolta, nem opressão, mas há uma retirada, um deslocamento. Há uma massa de gente, em especial de profissionais da arte da interpretação - aqueles que utilizam os recursos do corpo, a própria carne, para viver personagens se fazendo muitos para que todos possam apreciar os disparates de ser humano - atrizes e atores de grande talento aceitando buscando, migrando, se “hibridizando” em linguagens. Elas e eles, “oscarizados”, premiados, reconhecidos e

¹ Mestranda em Comunicação e Linguagens - UTP/PR. E-mail: contato@fotografiaorganica.com.br

renomados, se mudam para a “telinha”, em especial para as séries e seriados da televisão² americana, apreciadas no mundo todo.

No entanto, antes de qualquer outra enunciação, é interessante pensar que, a

televisão é um termo muito amplo, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos: compreende desde aquilo que ocorre nas grandes redes comerciais, estatais e intermediárias, sejam elas nacionais ou internacionais, abertas ou pagas, até que acontece nas pequenas emissoras locais de baixo alcance, ou o que é produzido por produtores independentes e por grupos de intervenção em canais de acesso público (MACHADO,2000, p.19-20).

Por certo, que a pecha de que a TV é um “meio menor” - como vários pesquisadores fizeram questão de frisar, e várias atrizes e atores fizeram crer – ainda é muito popular. No entanto, é fruto do preconceito, ou da ausência de uma leitura mais inter/multidisciplinar que dê conta do(s) macro/micro-universo(s) que envolvem questões como a qualidade de uma mídia de produção. Ainda assim, há quem pense.

É um erro comparar algo comercial e etéreo como a TV com algo isento e milenar como as artes. Se deve reiterar, de que TV não é arte e, sob os moldes atuais, não será. [...] Grosso modo, a televisão é um meio com estrutura para fins econômicos, do qual se extrai duas coisas básicas: entretenimento e informação (SINGER, 2001).

Parece que se pinta a TV como uma natureza morta, inanimada, um terreno inóspito³ e se esquece de que dela podem surgir ousadias, principalmente, a partir do amadurecimento sensível e do domínio do aparato linguístico (no sentido artístico). Para isto existe, como no cinema, (no teatro, na moda, etc.) a necessidade de bons profissionais atuando em conjunto. A TV, linguagem que produz para a indústria da cultura, também é capaz de fazer um trabalho por um viés artístico muito mais elaborado.

É curioso que se desentenda de forma generalizada que, para produzir TV são necessárias várias habilidades - que também não abundam. A produção audiovisual que

² Fernanda Furquim, jornalista e pesquisadora do assunto, explica que há uma diferença entre série e seriado. Para ela, a primeira é de uma ordem fechada. Cada episódio apresenta uma história diferente, que se sustenta por si mesma. Um exemplo de série é *Grey's Anatomy*. Um exemplo de seriado é *House M.D.*. Ambos apresentam grande frequência de astros e estrelas do cinema.

³ Talvez como a arte contemporânea, como enuncia Anne Cauquelin.

é pensada para um nicho mais qualificado em termos estéticos, precisa de profissionais de gabarito para exercer funções várias na feitura de um produto de qualidade. Em qualquer atividade de criação artística. Por mais *multitask* que é a diretora/ diretor seja e insinue o ritmo (ou a assinatura, como evidenciou a *Nouvelle Vague*) de uma obra, como acontece no cinema, ela precisa de gente que entenda e compartilhe as orientações artísticas e nada triviais de quem trabalha sinestésias.

Para as séries e seriados de TV, é a (ou o) roteirista-chefe que centraliza questões hierárquicas. Ela é “dona do programa” (FURQUIM, 2013) e precisa de artistas do audiovisual. De qualquer forma, uma grande virtude pouco lembrada destes profissionais é exatamente a de encontrar um grupo de pessoas e criar para aquele determinado público, um produto que resulte em sucesso.

Diretores precisam de competência no roteiro; na direção de arte; de fotografia; no figurino; na trilha incidental e podem não encontrar. Dentro de cada especificação, o detalhe precioso que compõe o filme: os diálogos profundos e sinuosos de personagens tão díspares e que se provam tão semelhantes à espécie humana⁴; a escolha dos apetrechos cotidianos que preenchem a vida alegre/trágica/*noir*/exuberante de uma personagem que vive dias e noites em países, momentos, estéticas muito diferentes. Tudo pode ser muito distinto em contextos diversos ou não, como o agri-doce hábito de tomar café da manhã em família⁵. Na fotografia, a tradução da luz em volúpia e/ou dor através da objetiva, no enquadramento (im)perfeito; na cartela de cores para as roupas, a reiteração de todo um universo fantasticamente real; na melodia, nos sons incidentais, ou na ausência de ambos, a importância do embalo que nos conforta, aterroriza e emociona na trilha sonora; na colagem de tantas pequenas narrativas e que nos surpreende e mantém interessados: o papel da montagem. Todos elementos significadores da linguagem audiovisual.

Estas virtudes que passam despercebidas (também no cinema, mas escandalosamente, na TV) são, para o pesquisador Arlindo Machado, uma “visão adorniana “que ocupa a percepção dos indivíduos quando se trata de qualidade técnica, originalidade, criatividade na linguagem televisiva”. O professor sugere que a TV é o que fazemos dela (MACHADO, 2000). Isto vale para a literatura, para a dança, para a

⁴ Um dos motivos do sucesso dos programas.

⁵ Como no filme, “A Casa de Alice”, de Chico Teixeira, de 2007.

pintura, para a arquitetura, para a arte digital, para o grafite (etc.), em tempos de supermodernidade (AUGÉ, 1994) e hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004)

É inegável, o sucesso da flexível linguagem televisiva que unida à narrativa seriada, herdeira do folhetim (FURQUIM, 2013) - possui um medo tímido da palavra híbrido - mas sabe convergir. As séries e seriados inclusive contam com isto, porque o sucesso delas também depende de uma bem fornida rede social que envolve milhões de espectadores e mais que isto: fãs. São eles que ajudam a mover uma série de engrenagens que promovem estas convergências – múltiplas no caso da TV - experiências de transmídia, como orientou JENKINS (2009).

Os seriados e séries de TV movimentam milhões de pessoas. Em 1983, por exemplo, a narrativa seriada mais popular era “*M*A*S*H*”, inspirada em uma obra do cinema, com o mesmo nome. Ela era transmitida no auge da guerra do Vietnam, misturava drama e comédia e falava sobre os desafios de uma equipe em um acampamento do exército americano, médicos em um hospital cirúrgico na Guerra da Coreia. O episódio final, após 11 temporadas, foi visto em mais de 105 milhões de lares (SILVA; CUNHA, 2013).

Na atualidade, os números são menores, mas representativos, porque são segmentados. *Breaking Bad* teve mais de dez milhões de telespectadores televisivos no capítulo final. Porém, existem centenas de séries/seriados em exibição que disputam o espectador, o que não acontecia anteriormente. O que mudou radicalmente foi a segmentação. Há programas para todos os gostos e interesses.

Françoise Jost, no livro *As Séries Americanas como Sintoma* acredita que as produções são muito próximas do espectador porque presentes nas narrativas estão ideologias transnacionais, lugares comuns que estão florescendo em muitos países. São histórias que falam sobre teorias de conspiração, como em *Heroes* e *24 Horas*; ou compactuam com um movimento de rejeição às elites na sociedade, como em *Prison Break* (2013).

Anteriormente, a heroína e o herói eram humanos superiores e dominavam tudo no ambiente. Atualmente, se parecem com a vizinha, o caixa do supermercado. Há nas telinhas contemporâneas, uma grande universalidade antropológica, onde os conflitos, aventuras e desventuras oferecem leituras criativas, ousadas, invocativas e miseráveis,

do *homo sapiens sapiens*. Jost exemplifica que, embora a narrativa da série *The Sopranos* esteja ancorada no mundo da máfia, a série faz reflexões sobre a família na contemporaneidade, enfim, sobre a condição humana (JOST, 2013, p. 34).

Foi desta forma que a TV e os produtos seriados, neste sentido, vieram a se tornar, naturalmente, uma opção para atores, atrizes e outros profissionais do cinema⁶, porque além do público - que variado, assiste e interage na TV, no laptop, no tablete, no smartphone – e dos salários, há a certeza de maior liberdade no desenvolvimento do trabalho.

A TV, na contemporaneidade tem tantos aspectos interessantes que um time de ouro já está por lá: Jessica Lange, Angelica Houston, Kathy Bates, Vanessa Willians, Jeremy Iron, Glen Close, Dustin Hoffman, Matthew McConaughey, Woody Harrelson, entre uma dezena de outros. E o que isto pode sugerir sobre o cinema e principalmente sobre a TV e os produtos em série dela?

Séries/Seriados de TV: breves conceitos e panorama

Os seriados e séries garantiram o sucesso ao longo de mais de cem anos e, foram os Estados Unidos que investiram no gênero ao longo dos tempos, embora a Inglaterra também tenha tradição na produção (FURQUIM, 2012). Dos estúdios de Thomas Edison, vieram os 12 episódios de *What Happened to Mary*, exibidos uma vez por mês nos cinemas (IMDb, 2014). Vários outros seriados foram produzidos, na mesma época, tais como, *The Adventures of Kathlyn* 1913; *Perils of Pauline*, 1914; *A Chave Mestra*, de 1915, entre outros (MATTOS, 2014). Exemplos de produção seriada.

Atualmente, alguns programas norte-americanos; são reconhecidos mundialmente, devido ao apuro técnico e pelo conteúdo de qualidade, e começaram a fazer sucesso fora das próprias fronteiras daquele país há várias décadas, graças a seriados - ícones como *I Love Lucy* (1951). No Brasil outros seriados e séries como *O Túnel do Tempo* (1960), *Terra de Gigantes* (1963), *Starsky e Hutch*, (1970) e *Dallas* (1978) estavam na programação. Reconhecidos enquanto produtos culturais, na

⁶ Na televisão, os roteiristas possuem uma forte posição (política inclusive) dentro da produção e realização dos programas seriados.

atualidade, as produções possuem forte impacto social e atingem públicos por todo o mundo.

Na verdade, diversas adaptações foram feitas até se chegar ao que se entende hoje por séries e seriados de TV. Reconhecida como o primeiro seriado, *I Love Lucy* foi exibida na televisão, no ano de 1951 e permaneceu outros dez “no ar”.

O formato é o grande diferencial das séries e dos seriados. A produção e captação de cada episódio dura em média, sete dias⁷ (CARLOS, 2006). Na contemporaneidade, elas possuem cerca de quarenta minutos de narrativa, mais vinte minutos de intervalos comerciais. Esta construção seria utilizada para capturar rapidamente a atenção do público, que está sempre com o controle remoto na mão pronto para trocar de canal, como sugere o sociólogo americano, Todd Gitlin (2001).

Os temas são variados e os roteiristas se sentem a vontade para aliar e misturar comédia ao drama⁸ em melodramas familiares⁹ ou produzir ficção científica¹⁰, épicos¹¹ etc. No contexto da série sempre haverá pelo menos um personagem “com o qual cada setor da audiência possa identificar-se” (GITLIN p.148, 2001).

Considerado revolucionário, por exemplo, um episódio da temporada de 1953, *I Love Lucy* nublou pela primeira vez as fronteiras entre fato e ficção ao transformar em acontecimento da narrativa, a gravidez de Lucielle Ball e o nascimento do filho, Desi Arnaz Jr. O mesmo fato se deu em outro sitcom¹², em 1997. Em *Ellen*, a personagem Ellen Morgan, chega à conclusão que é lésbica e prepara a “saída do armário”, o que a atriz Ellen Degeneres também protagonizou. *The Puppy Episode*, como foi nominado, foi visto por 42 milhões de telespectadores (BOBADILHA, 1998).

É através da narrativa que as séries e os seriados se diferenciam das demais obras audiovisuais, porque neles há uma complexidade das estruturas narrativas que

⁷ Neste artigo, se falará basicamente sobre séries e seriados produzidos para a TV, de forma generalizada, embora muitas produtoras emissoras que estão realizando para a web façam programas de cinco minutos por episódio (*Tainted Love*) a sessenta (*Orange is the New Black*). Positivamente, *streaming*, que é uma tecnologia que permite que conteúdo ao vivo ou gravado seja transmitido em tempo real (broadcast), é o futuro da TV.

⁸ Como em *The Big C*, sobre uma mãe de família com câncer terminal, que redescobre os pequenos prazeres da vida.

⁹ Como *Brothers and Sisters* ou *The Fosters*.

¹⁰ *Fringe*.

¹¹ *The Borgias*; *The Tudors*.

¹² Os sitcom (*situation comedy*) são séries que possuem em média de 23 minutos de narrativa e 30 minutos com os intervalos comerciais.

permitem aos roteiristas a possibilidade de desenvolvimento através das temporadas aprofundando personagens, situações e ações em um nível extremo de detalhe - estabelecendo inúmeros laços entre eles (CARLOS, 2006) e o telespectador¹³.

Já existe também um vocabulário para compor o tema. Quando uma série começa, ela se lança como episódio-piloto, que é uma amostra para a audiência. *Season Premiere* é o primeiro episódio, de uma série que vai para mais uma temporada, e que possui, uma audiência de sucesso. *Season Finale* é o último episódio da temporada de um seriado que continuará sendo exibido. *Series Finale*, é o último episódio de uma série cancelada. Existem séries que são canceladas mesmo com altas audiências, como é o caso das séries *House* e *Breaking Bad*. “Bolha do cancelamento” é o endereço da série moribunda, e que fica no purgatório entre continuar ou cessar.

Os episódios das séries são organizados da seguinte forma: 1×01, 1×02, 2×02. O primeiro número indica a temporada que a série está e o segundo indica o episódio. O número de episódios pode variar de 12 á 24, por temporada (SÉRIEMANÍACOS, 2013).

É bom lembrar que tradicionalmente, as séries americanas - anteriormente, pela qualidade duvidável que possuíam até final dos anos 90 – sofriam grande preconceito das emissoras brasileiras. “Ocupavam as horas mortas da madrugada ou substituíam temporariamente atrações nacionais em recesso” (MEIER, 2010). A TV Globo¹⁴ comprou *Under the Dome*, estava exibindo *Revenge* e continua produzindo *A Grande Família*, mas será o último ano. *Tapas e Beijos* e *Pé na Cova* são seriados ainda produzidos, com desempenho regular.

¹³ É também interessante lembrar que telespectador na atualidade pode ter acesso aos episódios exibidos no país de origem, um dia após a exibição na TV ou na web, através de arquivos *torrent*, e ainda legendados. A pirataria é um problema grave para as empresas e uma ótima solução para quem não possui outras formas de acompanhar os programas. As emissoras, no entanto, não deixam de ganhar com isto, porque os fãs produzem muito conteúdo sobre a série, criam blogs, produzem *fanfiction*, estão nas redes sociais comentando e popularizando as séries. Esta na hora da TV ocupar outros espaços e para isto ela “precisa mergulhar no espaço digital”. (Machado, 2013). Outra coisa a ser dita é que as empresas que exibem as séries nos Estados Unidos, não são as mesmas que as produzem. É interessante dizer isto também para estabelecer a diferença profunda entre os mercados americano e brasileiro. Aqui, a maioria das séries é produzida pelas emissoras que as exibem, o que torna proibitiva a originalidade, a ousadia e a criatividade, e também porque os telespectadores estão ainda acostumados à linguagem operacionalizada da novela.

¹⁴ A Globo, em 2014 investiu em minisséries, em sua maioria de quatro capítulos. Atualmente produz “Dupla Identidade”, onde a narrativa se assemelha a da série “Dexter”, um homem comum é também um *serial killer*.

No entanto, as concorrentes começaram a apostar na produção estrangeira, que estão longe, atualmente de serem os mal falados “enlatados americanos”, como eram chamados. A Record, o SBT e a Bandeirantes começaram a exibir séries americanas no estratégico horário das 21 horas.

Conquistaram uma fatia considerável da audiência, aproveitando o baixo desempenho da de *Viver a Vida* – que acabou com modestos 38 pontos de audiência – e o fraco início de *Passione*¹⁵. *CSI: Las Vegas*, que acompanha as investigações de legistas da polícia, vem mantendo a Record firme no segundo lugar, com média de 11 pontos e picos de até 15. O custo-benefício é muito compensador", diz Hélio Vargas, diretor artístico e de programação da Band, que há pouco colocou cinco séries no ar, capitaneadas por *Bones*, um genérico engraçadinho de *CSI* (MEIER, 2010).

Comparando os custos de compra das séries e seriados aos da novela, é realmente compensador, já que poucas emissoras tem a estrutura e o preparo da Rede Globo de Televisão para a produção dos folhetins eletrônicos.

Avenida Brasil teve 179 capítulos. O custo para produzir cada capítulo da novela gira em torno de R\$450 mil, totalizando-se assim um custo de R\$80,5 milhões por toda a dramaturgia. Apenas 30 segundos de propaganda durante a novela das oito custa R\$535 mil, ou seja, apenas um comercial cobre o custo do capítulo (R\$450 mil) e ainda faz a Globo lucrar R\$85 mil (PORTO, 2012).

Parece então, pouco provável que a curto prazo o prazer pelas séries nacionais possa ser ampliado, embora exista um mercado latente, mas que demanda uma energia que as grandes emissoras brasileiras de TV aberta, principalmente, não parecem querer utilizar. Sobram as produtoras de conteúdo independentes.

Segundo o jornalista Daniel Castro, o conglomerado Fox trabalha com três títulos para adaptar à realidade brasileira: *Anos Incríveis*, *Malcom in The Middle* e *How I Met Your Mother*. A Fox já estreou *Se eu Fosse Você*. O intuito é se aproximar do telespectador brasileiro e também cumprir a nova legislação de canais a cabo. As empresas devem ter conteúdo independente, nacional e em horário nobre¹⁶. A ideia do grupo é trabalhar em sistema de parceria, concedendo o formato e o *know-how*, de forma similar a implantada no Chile e na Colômbia recentemente (NATELINHA,

¹⁵ Novelas da Rede Globo de Televisão, exibidas no horário das 21 horas.

¹⁶ Lei federal 12.485/2011. Apesar da agenda de diversos canais ainda não ter sido divulgada, no próximo ano o espectador deverá conferir novas temporadas de séries nacionais de ficção, como *O Negócio* (HBO).

2013). Atualmente, existem séries sendo produzidas pelos canais GNT, como *Três Teresas e Surtadas na Yoga*. Já o Multishow está investindo na produção e compra de *De Volta pra Pista* e *Meu Passado me Condena*.

Sessão de Terapia (GNT) e Agora Sim (Sony), e estreia de novos produtos. O Multishow pretende levar ao ar *A Segunda Vez*, baseada no livro *A Segunda Vez que te Conheci*, de Marcelo Rubens Paiva, enquanto a Fox planeja lançar *Bruna Surfistinha*, baseada no filme homônimo de 2011. "Aumentamos a produção local porque isso já fazia parte da estratégia da Fox, e esse aumento foi quantificado para que atendêssemos a lei", revela Marcello Braga, diretor de conteúdo da Fox para o Brasil (ANCINE, 2013).

No Brasil, os atores e atrizes sempre trabalharam com as emissoras tanto para séries, quanto no cinema, além das produtoras independentes. Nos Estados Unidos e em outros países, os profissionais do cinema aceitaram as ofertas começaram a se estabelecer em dois endereços.

A TV: o eldorado das estrelas e astros de Hollywood

Hollywood foi, em outro momento, a consagração para quem atuava na televisão americana. A Meca do cinema americano rendia muito mais estrelas na calçada da fama que a TV. No entanto, nos últimos anos, o que se viu foi uma migração de nomes consagrados para a "telinha". A ida de Al Pacino, Steve Buscemi, Robin Williams, Kiefer Sutherland, Alec Baldwin, Bette Midler, e a participação de Martin Scorsese e Quentin Tarantino, entre outros famosos diretores em episódios de algumas séries, endossam a nova fase do meio TV e é inegável que a qualidade possível nos projetos na telinha deixasse de atrair bons profissionais. Por exemplo, *The Borgias*, uma série de Neil Jordan¹⁷, protagonizada por Jeremy Irons, ganhador do Oscar por *O Reverso da Fortuna*, filme de Barbet Schroeder, de 1990. A trama de *The Borgias* ambientada no século XV, mostra às mil e uma facetas de Rodrigo Borgia e todos os planos para finalmente se tornar o papa Alexandre VI. Irons, também estrelará a adaptação para a TV da peça *Henrique IV*, de William Shakespeare, em 2014 (FIDELIS, 2013).

¹⁷ Roteirista, produtor e diretor de filmes para o cinema como: *Traídos pelo Desejo*, (1992); Michael Collins: *O Preço da Liberdade*. (1996).

Outro produto seriado de qualidade é *Wilfred*, com Elijah Wood. A série, muito elogiada, acompanha a vida de um jovem advogado suicida – que passa a ver o cachorro da vizinha como um homem: fantasiado de cão.

O filme para a TV, *Candelabra*, sobre os amores e bizarrices do pianista Liberace, tem no elenco Michael Douglas e Matt Damon, dois astros do cinema, interpretando homossexuais em cenas íntimas. Na direção, Steven Soderbergh, profissional do cinema e da TV, diretor de *Sex, Lies and Videotape* (1989), *Traffic* (2000) e também do seriado *Grey's Anatomy*, em 1996, entre uma dezena de outros.

Já a minissérie *Mildred Pierce*, arrebatou cinco Emmys¹⁸ e um Globo de Ouro¹⁹, esse último por conta do papel de Kate Winslet, atriz candidata ao Oscar por seis vezes e vencedora por *O Leitor*, de Stephen Daldry, de 2003. Na minissérie, Mildred, uma jovem mãe, abandona o marido infiel e se coloca “na posição mais vulnerável possível na escala social dos Estados Unidos em plena depressão econômica: a mulher descasada, com duas filhas para criar” (BAHIANA, 2011). A atuação de Winslet garantiu dezenas de elogios da crítica (FIDELIS, 2013).

É importante lembrar que na contemporaneidade, produzida para TV (ou não), a série é consumida no laptop, no tablet, no smartphone, semeada via compartilhamento *torrent*, legendada por um grupo de voluntários²⁰; movimentada por variados fãs blogueiros, que também publicitam as trilhas sonoras das temporadas e que animam e sustentam uma plataforma de múltiplos atores em rede²¹.

É o *transmedia storytelling*, que:

Is the art of world making. To fully experience any fictional world, consumers must assume the role of hunters and gatherers, chasing down bits of the story across media channels, comparing notes with each other via online discussion groups, and collaborating to ensure that everyone who invests time and effort

¹⁸ Prêmio da academia de tecnologia, artes e ciências.

¹⁹ São premiações entregues anualmente aos melhores profissionais do cinema e da TV americanos.

²⁰ Que o faz também, como questão inclusiva, já que os surdos também podem ter acesso ao conteúdo da obra televisiva. É interessante lembrar que, a dublagem impera na TV brasileira. Ao invés do conteúdo dublado ser apresentado como uma “alternativa” à obra original, ela é padrão hoje” (CARVALHO; DAVI, 2013). Além de render polêmica juntos aos espectadores, a dublagem ainda limita a audiência aos que ouvem, esquecendo da inclusão dos surdos enquanto público e cidadão.

²¹ Soma-se o conceito de ator-rede, do sociólogo, Bruno Latour.

will come away with a richer entertainment experience (JENKINS, p. 21, 2010).²²

É significativo dizer que no ano passado, os ganhos com TV paga no mundo aumentaram 30%. Foram mais de 184 bilhões de dólares, segundo estudo citado pela revista especializada *Hollywood Reporter* (BOUÇAS, 2013). “A televisão está, indiscutivelmente, mais internacional do que nunca (...) e de quebra todo mundo precisa de mais conteúdo”, explica Tim Gray, editor da revista *Variety*, especializada na indústria do entretenimento (AFP, 2012).

As séries viraram fenômenos e agregam vários dígitos na conta tanto das produtoras quanto das emissoras. Segundo a *Forbes*, em 2012, *Two and a Half Men*, a relação de dois irmãos e o filho adolescente de um deles faturou a cada 30 minutos de exibição, três milhões de dólares. Em segundo lugar vem a série musical *Glee*, - do mesmo criador de *American Horror Story*, Ryan Murphy - que abocanha US\$ 2,83 milhões por meia hora. *Grey's Anatomy*, atualmente na décima temporada, fatura 2,75 milhões de dólares a cada meia hora de programa (GREYSANATOMYBR, 2013).

Outros dados podem ser observados abaixo:

Figura 1

BONES			FRINGE			GLEE		
Temp.	Ano	Média de audiência (em milhões)	Temp.	Ano	Média de audiência (em milhões)	Temp.	Ano	Média de audiência (em milhões)
1ª	2005	8,90	1ª	2008	10,02	1ª	2009	9,77
2ª	2006	9,40	2ª	2009	6,25	2ª	2010	10,11
3ª	2007	8,90	3ª	2010	5,83	3ª	2011	8,71
4ª	2008	10,81	4ª	2011	4,22	4ª	2012	8,26
5ª	2009	10,02	5ª	2012	4,27			
6ª	2010	11,57						
7ª	2011	9,26						
8ª	2012	9,52						

www.episodioemfoco.com

²² É a arte de fazer. Para experimentar completamente qualquer mundo ficcional, os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história através de canais de mídia, comparando notas uns com os outros através de grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que todos os que investem tempo e esforço tenham uma experiência de entretenimento mais rica (JENKINS, p. 21, 2010). (Tradução livre).

COMMUNITY		
Temp.	Ano	Média de audiência (em milhões)
1ª	2009	5,00
2ª	2010	4,44
3ª	2011	4,03
4ª	2013	3,58

www.episodioemfoco.com

REVOLUTION		
Temp.	Ano	Média de audiência (em milhões)
1ª	2012	10,81

LAW & ORDER: SVU		
Temp.	Ano	Média de audiência (em milhões)
11ª	2009	8,81
12ª	2010	8,84
13ª	2011	7,59
14ª	2012	7,30

PARKS AND RECREATION		
Temp.	Ano	Média de audiência (em milhões)
1ª	2009	6,00
2ª	2009	4,60
3ª	2010	5,10
4ª	2011	4,40
5ª	2012	4,06

Fonte: <http://www.episodioemfoco.com>

O cineasta Newton Cannito discorda dos pessimistas que afirmam que o aparato digital irá destruir a televisão. Na verdade, para ele, o digital vai contribuir para a evolução natural da televisão, na medida em que potencializa as características que ela possui. Cannito conclui que a “televisão é uma mídia que permite e promove – a recepção coletiva, enquanto o computador é de uso pessoal” (2010, p. 28). Neste caso, com tanto sucesso envolvido e perspectivas promissoras, personalidades hollywoodianas viram um grande filão. Para muitos profissionais não é apenas porque carreira estava “em baixa”. Ela oferece, verdadeiramente, oportunidades mais criteriosas na atualidade.

James Caviezel, por exemplo, que possui mais de 20 filmes no currículo, que já trabalhou com os premiados diretores Ridley Scott, Ang Lee e Terrence Malick, é protagonista de *Person of Interest*, desde 2008.

No entanto, é Jessica Lange, falando sobre o roteirista Ryan Murphy - produtor de *Glee* e *American Horror Story* - quem sugere o bom momento entre os artistas, a TV e os produtos dela, enquanto produtora de conteúdo e de narrativas dramáticas:

He called me up out of the blue -- I had never met him -- and started talking. And I just thought, 'Wow, he's got quite a spiel here. This is really something.' I haven't been kind of seduced like this in a long time, (...) And you know he has a kind of uncanny intelligence about this, a talent, genius in a way and it became something really fascinating ... He keeps kind of dangling that carrot out there. It's hard to say no (HUFFINGTONPOST, 2013)²³.

²³ Ele me ligou do nada - Eu não o conhecia - e começou a falar E eu pensei, 'Wow , ele tem um bom discurso aqui. Isso realmente é uma coisa. Eu não havia sido seduzida dessa forma em um longo tempo, (

E parece que muitos chegaram à mesma conclusão.

***American Horror Story* - roteiro surpreendente, narrativa sem medo de tabus, fotografia de qualidade e um set de estrelas.**

American Horror Story é uma série de televisão produzida por Ryan Murphy e Brad Falchuk. Ela é descrita pelos produtores como uma série antológica, onde cada temporada é concebida como uma minissérie independente, feita para seguir um mesmo grupo de atores, vivendo sempre um conjunto de personagens e ambientações distintas, e uma narrativa muito própria de começo, meio e fim. Ela é transmitida na televisão pelos canais fechados FX, nos Estados Unidos e FOX, no Brasil.

A primeira temporada, intitulada *American Horror Story: Murder House* se passa na contemporaneidade, e é centrada na família Harmon. De mudança para uma mansão restaurada, a família logo descobre que não mora sozinha, já que a casa é assombrada pelos vários antigos moradores.

A segunda temporada, intitulada *American Horror Story: Asylum*, acontece em 1964 e acompanha as vidas dos pacientes, médicos e freiras vivendo no *Briarcliff Institution* para criminosos com doenças mentais.

A terceira temporada, *American Horror Story: Coven*, acontece nos dias atuais, na cidade de New Orleans, e narra as desavenças e experiências de um clã de bruxas. Uma das linhagens se origina das acusadas de bruxaria mortas em Salem e a outra do vodu. Algumas das personagens são baseadas em figuras históricas locais como madame Delphine Lalarie, uma dama da sociedade acusada de estar envolvida, supostamente, com a tortura e o assassinato de escravos, no século XVIII. Esta temporada também traz Marie Laveau, uma conhecida rainha do vodu, responsável pela disseminação da prática em New Orleans.

...) E você sabe que ele tem um tipo de inteligência sobrenatural sobre isso, um talento , gênio de uma forma que se tornou algo realmente fascinante ... Ele continua pendurando a cenoura tipo pendendo de que cenoura lá fora. É difícil dizer não

O segundo semestre de 2014 trouxe *American Horror Story: Freak Show* que se passa na cidade de Jupiter, Flórida, Estados Unidos, no ano de 1952. A sinopse publicada pelo canal FX conta que um circo de aberrações chega à cidade trazendo uma entidade maligna, que ameaça a vida dos moradores.²⁴

A crítica tem recebido bem a série também em vista da narrativa e do elenco laureado. As temporadas atraem sistematicamente altos índices de audiência para a rede americana FX(AHSbr, 2013). No Brasil foi a rede Bandeirantes que começou a exibi-la em janeiro de 2014 em dois horários semanais.

O elenco da terceira temporada, *Coven* inclui a seis vezes indicada e duas vezes ganhadora do “Oscar” e de vários outros prêmios, como o *Critics’Choice Television Award*, o *Dorian Award* e o *Emmy*, Jessica Lange; a também ganhadora do Oscar, do Globo de Ouro e do Emmy, Kathy Bates e Angela Basset, vencedora do Oscar e do Globo de Ouro.

Lange tem desfrutado um ressurgimento na sua carreira como protagonista da série criada por Ryan Murphy (série “Glee”), onde interpreta uma nova personagem a cada temporada. Atriz admite que deve muito do seu estado atual à série. “Me reenergizou. Reenergizou a minha carreira. Não é vergonha nenhuma admitir isso. A série me expôs para toda uma nova geração”, disse ela. “Não estou acostumada com jovens pensando que eu sou legal”, brinca a atriz, que ganhou um Emmy, um Globo de Ouro e um troféu do Sindicato dos Atores (SAG) por sua participação na atração televisiva (MEDEIROS,2013).

No quesito estrelas de Hollywood na TV, a série agrada as duas protagonistas essenciais desta relação: profissionais das artes e público.

Para os fãs, as vantagens parecem de ver atores de cinema na TV é poder acompanhar mais de perto o trabalho do ídolo sem ter que esperar um filme ou outro. Já para os atores, é uma forma de diversificar o trabalho e, em alguns casos, diminuir a correria das gravações e viagens, comuns a grandes produções (VEJA, 2013).

No caso de AHS²⁵ *Coven*, a estreia da última temporada foi vista por 5,5 milhões de telespectadores, um aumento de 44% em relação temporada anterior, *American Horror Story: Asylum* (AHSBR, 2013).

²⁴ O primeiro episódio mostrou apuro estético como os anteriores. Planos fotográficos tecnicamente mais bem construídos, direção de arte acurada.

²⁵ Os espectadores usam as iniciais da série.

O site americano *Huffington Post*, incluiu *American Horror Story* como uma das dez melhores séries de TV do ano.

American Horror Story (FX): O que é mais impressionante sobre esse festival de terror não é o seu desejo de choque, sua inquietante estética ou sua abordagem para contar histórias. A única coisa que ressoa mais é a seriedade que anima todo o esforço. O que eleva este ano “AHS” sobre a temporada passada é a abordagem dramática mais unificada da exploração do isolamento e medo dos personagens de não serem amados, desconhecidos e sem valor. Às vezes, a única marca que essas infelizes pessoas podem fazer é sobre o corpo de outro ser humano, e às vezes a culpa é tudo o que eles têm depois de tudo ser levado. O sonho febril conhecido como “AHS: Asylum” é único na televisão, e é repleto de interpretações perfeitas de Lily Rabe, James Cromwell, Zachary Quinto, Paulson Sarah e, especialmente, da musa incomparável do co-criador Ryan Murphy, Jessica Lange (AMERICANHORROR STORY BR, 2013).

Este não é um fato isolado, já que

each year a fantasy list emerges of movie stars the studios are hoping to woo to the small screen. This year's dream roster includes the likes of Meg Ryan, Greg Kinnear, Jane Fonda, and Hugh Grant (MCMANUS, 2013).²⁶

É inegável que a qualidade e a oportunidade alcança vários endereços, porque um set não é feito somente de diretores, atrizes e atores. “*They're after writers and producers who are creatively thinking of ideas. And the truth is, there are some terrific television series*”²⁷ (MCMANUS, 2013).

Bryan Brown, ator australiano, compartilha:

You don't really have more time. I did a couple of things on *The Good Wife*, and that was an eight-day shoot for an hour [of screen time]. In Australia, we're much the same. Ninety-nine per cent of people on the set are lovely people to be around and working hard. I don't find much diferente anywhere (MCMANUS, 2013).²⁸

Em AHS, uma das protagonistas do seriado, Kathy Bates foi convidada para participar quando o roteirista, Ryan Murphy soube que ela era fã do programa. Ele ligou

²⁶ A cada ano, uma lista fantasia emerge de estrelas de cinema dos estúdios estão esperando para atrair para o pequeno ecrã . Roster sonho deste ano inclui nomes como Meg Ryan, Greg Kinnear, Jane Fonda, e Hugh Grant (MCMANUS, 2013). (Tradução nossa).

²⁷ Eles estão atrás de roteiristas e produtores que pensam de maneira criativa. E a verdade é que existem algumas séries de televisão fantásticas (MCMANUS, 2013). (Tradução nossa).

²⁸ Você realmente não tem mais tempo. Eu fiz um par de coisas em *The Good Wife* e foram oito dias por uma hora [de tempo na tela] . Na Austrália é a mesma coisa. Noventa e nove por cento das pessoas no set são adoráveis para ter por perto trabalhando duro . Eu não acho muito diferente de qualquer lugar (MCMANUS , 2013). (Tradução nossa).

para a atriz: “Não sei se você vai querer o personagem, ela é oito vezes pior que a sua personagem em *Misery*, mas é perfeito pra você. Ela ligou 45 minutos depois e aceitou” (AMERICANHORRORSTORYBRASIL, 2013).

Além da boa qualificação profissional a frente das câmeras, AHS, agrada aos que presam por qualidades de outros elementos formadores da linguagem fílmica. Um exemplo é a fotografia do programa. Com enquadramentos precisos e originais, através da utilização de objetivas “olho de peixe”, nos planos onde a *dolly* ou a grua viaja de forma segura e surpreendente, ou no desequilíbrio da câmera traduzindo os sentidos da personagem.

Figura 2



Fonte: <http://www.seriesemfoco.com.br>

Figura 3



Fonte: <http://www.seriesemfoco.com.br>

Figura 3



Fonte: <http://www.seriesemfoco.com.br>

Figura 4



Fonte: <http://www.seriesemfoco.com.br>

Figura 5



Fonte: <http://www.seriesemfoco.com.br>

Figura 6



Fonte: <http://www.seriesemfoco.com.br>

Figura 7



Fonte: <http://www.seriesemfoco.com.br>

Figura 8



Fonte: <http://www.seriesemfoco.com.br>

A direção de arte realizou um trabalho delicado e minimalista na composição dos ambientes da casa. O figurino marcou as personagens com jovialidade, sensualidade e requinte. Design de marcas famosas como *Dolce & Gabbana*, *Stela Macarthy*, *Balenciaga*, *Alexander Macqueen* e *Chanel* estão presentes nos adereços ou foram referenciados ao longo dos episódios.

O roteiro procura, é perceptível, valorizar ostalentos das atrizes e atores, criando situações e possibilidades dramáticas, levando as personagens a vulnerabilidade absoluta ou a onipotência grotesca, sentimentos avizinados nos seres humanos. O roteirista propõe um ritmo onde se afrouxam as amarras narrativas. Há uma validação

de um universo fantástico, *outsider*, *queer*, em uma composição em que os “abjetos” - em um sentido maior, como não limitou Judith Butler²⁹ - são empoderados. São homossexuais, afrodescendentes, pessoas com síndrome de down, de étnicas variadas, de classes sociais múltiplas. Há menos rigor com a falsa moral e há mais rigor estético.

Percebe-se que o roteirista propõe e se aproveita que tem uma atriz que encarna a diva no elenco para se deliciar, e cria personagens, falas e sequencias muito especiais que aproveitam o talento de Jessica Lange.

No discurso de recebimento do Globo de Ouro, em 2012, de atriz coadjuvante por *America Horror Story*, Jessica Lange relacionou:

I wanna thank FX. I would like to thank the great group of actors that I had the pleasure of working with, and the wonderful crew. But more than anything, I wanna thank the writers because I find it more and more rare (or rarer) every year to find a piece of work that is really beautifully written and gives you something to do, and it certainly was this. So I'd like to thank the writers. I'd like to thank Brad and Ryan, and especially Ryan who convinced me to do this (MELTON, 2012).

Em 2014, a série foi nominada em 17 categorias do Emmy, entre elas, *Outstanding Lead Actress in a Miniseries or Movie*; *Outstanding Writing for a serie, Movie, or Dramatic Special*; *Outstanding Directing for a series, Movie, or Dramatic Speciale* *Outstanding Art Direction for a Period Series, Miniseries or a Movie*, ganhando quatro prêmios, entre eles, o de melhor atriz e atriz coadjuvante na categoria específica.

Arlindo Machado lembra que se deve capitanear para a TV, um conceito de qualidade elástico e complexo, e que permita a valorização dos trabalhos, onde os constrangimentos industriais, que vigoram no DNA da linguagem televisiva, - como a velocidade e estandardização da produção – não pareçam conflitantes com a inovação e a criação ou a própria liberdade de expressão dos criadores. Mesmo porque a TV não é totalmente avessa às demandas da audiência. Muito pelo contrário (2013). Simbiótica relação.

²⁹ No livro, *Bodies that Matters*, de 1993, a teórica feminista, sugere que corpos abjetos são aqueles que não importam socialmente, mas que possuem um poder disruptivo - e que não trazem consequências apenas para sexo e para a heteronormatividade. Ela desafia para que se pense o abjeto para além de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *cross-dressers*, *drag queens/kings*, assexuados, ou qualquer outro grupo de excluídos.

Considerações finais

A desconstrução de uma perspectiva negativa acerca da TV e dos produtos que ela realiza passa por (re)dimensionar o que se toma por linguagem televisiva. Há que se prestar atenção nos rumos que a TV toma, das enormes possibilidades da linguagem se hibridizar ainda mais como produto para consumo na web, ou seja, há que se perceber a TV não somente como veículo, mas enquanto produto agregador de linguagens³⁰.

Anteriormente,

television has always funneled stars into the movies, from Clint Eastwood, Bruce Willis, and John Travolta to the Friends cast and Saturday Night Live's plentiful alumni. However, the door hasn't readily swung the other way—the fear being that a movie actor would be committing career suicide by turning up on TV. (MCMANUS, 2013).

Foi a HBO que materializou no slogan a questão da qualificação da produção de conteúdo realizada para a telinha e também a perspectiva de trabalhar em TV: *HBO helped soften that divide with programming that appealed to an elevated niche. IT'S NOT TV. IT'S HBO, went the premium channel's slogan*” (MCMANUS, 2013).

Seria então a proposição prática de uma TV alternativa, por analogia ao cinema, por exemplo, como enuncia Laura Mulvey:

The alternative cinema provides a space for a cinema to be born which is radical in both a political and an aesthetic sense and challenges the basic assumptions of the mainstream film (1975).

A revolução está acontecendo sob vários ângulos. Os serviços de vídeo em *streaming*, como o da Netflix, já bastante populares nos Estados Unidos, são um exemplo. Este serviço possui uma série como carro-chefe do canal, a *House of Cards* (AFP, 2012). Neste drama político, o premiadíssimo Kevin Spacey interpreta um impiedoso e ambicioso político que almeja um alto cargo público. *House of Cards* é uma adaptação do romance homônimo escrito por Michael Dobbs, que virou minissérie britânica criada por Andrew Davies.

³⁰ Uma vez que há um a série de questões técnicas que tem os cursos alterados por conta de novas propostas em telas ainda menores. Um exemplo é a planificação do programa, bem como a realização da iluminação pela direção de fotografia.

Na telinha do PC, do laptop, do tablet. Este é o primeiro programa de TV difundido unicamente na internet e foi um dos indicados ao Emmy. A linguagem está convergindo e se hibridizando (como também no caso do cinema e com os *games*).

Por certo, mesmo que se acredite que “*most of the people who are [taking TV roles] are people who have had good careers in film but they're over 45 now*” (MCMANUS, 2013), traduzindo a idade como parâmetro para a evasão dos bons atores do cinema para a TV, a resposta não é satisfatória.

Meanwhile, television isn't what it used to be. Networks on broadcast and cable are taking more risks, giving the small screen its own cachet. All this is a perfect storm sending the cream of the crop to television. TV is good work. The paychecks are consistent, as is the schedule, and a successful show keeps paying for years after cancellation (CHRISTIAN, 2011).

É interessante lembrar que o cinema também se encontra também entre as muitas linguagens que estão sendo desafiadas,

So in mainstream film, which is very much comic-book stuff these days, blokes that are 45 and up aren't going to play the lead, they're going to play some immortal's dad or some bloody thing. So it's hard to actually find leads or characters that are interesting in the film area (MCNAMUS, 2013).

E para os papéis femininos a tendência é ainda pior.

According to a report released today by the USC Annenberg School for Communication and Journalism, in the 100 top grossing movies of 2012, only 28.4% of characters who spoke a line of dialogue were women, down from 32.8% three years ago (SMITH, CHOUEITI, & PIEPER, 2008). When they are on-screen, 31.6% of women are shown wearing sexually revealing clothing, the highest percentage in the five years the USC researchers have been studying the issue. For teen girls, the number who are provocatively dressed is even higher: 56.6% of teen girl characters in 2012 movies wore sexy clothes, an increase of 20% since 2009 (KEEGAN, 2013).

Maria Belo, atriz - que migrou da TV para o cinema e sempre circulou sem preocupações entre os dois meios - indicada ao Globo de Ouro pela série *Prime Suspect*, e anteriormente premiada pelo filme, a *History of Violence*, de David Cronenberg, afirmou:

I've done all sorts of films, but those I've gotten the most notice for are independents, where the women are more fully fleshed out, which really doesn't happen with the big blockbusters, I'm sorry to say,” says Maria Bello, the Golden Globe nominee for (DENNING, 2013).

Assim, mais produções, em nichos variados também garante um público mais diversificado, porém, sem que se caia em um produto completamente individualizado. Para Newton Cannito, é a noção de partilha que faz das séries um sucesso. Uma programação individualizada no seu todo faria com que o público não conseguisse formar uma rede de contatos e se comunicar através do produto televisivo. Não existiria a troca de ideias e opiniões. Segundo o pesquisador, a televisão constrói um pátio onde se lançam debates para uma comunidade e onde a interação enquanto experiência acontece na rede ou fisicamente (CANNITO, 2010, p. 18).

Outra questão importante a lembrar é que o fenômeno da economia da cauda longa³¹ também esta presente no universo da discussão sobre mercado, conteúdo e futuro da linguagem da televisão. Se a indústria do entretenimento no século XX baseava-se em grandes sucessos, a do século XXI se concentrará com a mesma intensidade em nichos” (ANDERSON, 2006, p. 15). Há uma democratização da produção e da distribuição deste conteúdo, onde a crítica, na verdade, é parte constituinte do próprio processo de fazer televisão” (MACHADO, 2013)

É importante que se possa refletir sobre produtos audiovisuais, que vivem uma relação de expansão - como o cinema e fotografia expandidos –pois transcenderam as diversas tentativas de tradução, mesmo porque ainda há um discurso imerso em confusão, quando se trata da televisão.

Pensar que,

um filme bom terá seu diretor reverenciado; um livro bom, igualmente; assim como na música e em todas as outras formas de arte. Na TV, os créditos de um bom programa ficam diluídos e acabam restritos à emissora. Não raro dizemos que "tal programa de tal emissora é bom, (SINGER, 2).

Não parece refletir as mudanças pelas quais passa a linguagem do meio. Há inúmeras personalidades conhecidas no mercado americano de produção televisiva, pela qualidade do trabalho. Cannito acredita que a televisão se esta gradualmente se

³¹A teoria da “Cauda Longa” pode ser resumida nos seguintes termos: nossa cultura e nossa economia estão cada vez mais se afastando do foco em alguns hits relativamente pouco numerosos (produtos e mercados da tendência dominante), no topo da curva da demanda, avançando em direção a uma grande quantidade de nichos na parte inferior ou na cauda da curva da demanda. Numa era sem as limitações do espaço físico nas prateleiras e de outros pontos de estrangulamento na distribuição, bens e serviços com alvos estreitos podem ser tão atraentes em termos econômicos quanto os destinados ao grande público. (ANDERSON, 2006, p. 50).

reconhecendo, em um processo de “autoconhecimento de como suas potencialidades tecnológicas e estéticas podem atender com mais eficiência às eternas demandas culturais da espécie humana” (2010, p. 213).

É importante lembrar que as séries de TV fazem tanto sucesso no Brasil que o mercado de produção está aquecido.

A gente ainda está engatinhando, diz Marcia Vinci, diretora do núcleo de TV e cinema da O2 Filmes³², que já produz para televisão há anos e recentemente criou a série “Contos do Edgar”, que foi ao ar pela Fox. “Mas vamos fomentar o mercado pra ele ir ganhando força e qualidade, se não a gente não vai chegar lá. O mercado está muito quente. E vemos pela própria equipe que as pessoas estão se segmentando, se profissionalizando, criando uma indústria mesmo (QUEIROZ,2013).

Até as populares novelas brasileiras, é interessante lembrar, se deixaram contagiar pelas séries e criaram algumas polêmicas. Na novela *Amor a Vida*, de Walcyr Carrasco, exibida na Rede Globo, o *chef* Niko (Thiago Fragoso) e o advogado, Eron (Marcelo Antony), são casados e decidem ter um filho com a ajuda de uma terceira pessoa, Amarilys (Danielle Winits). Na série americana *Brothers and Sisters*, exibida entre 2006 e 2011 pela Universal, o casal é formado pelo *chef* Scotty (Luke Macfarlene) e pelo advogado Kevin (Matthew Rhys), que contam com Michelle (RoxyOlin) para ter um filho (STYCER, 2013).

Por fim, pode-se sugerir que este movimento festivo de troca-mistura, resgate, dança-de-cadeiras entre os profissionais do cinema e da televisão seja um processo que mudará o perfil não somente do conteúdo possível de um espectro da TV, como das linguagens audiovisuais como um todo.

Fellini disse que o cinema é um modo divino de contar a vida (TVGLOBO, 2011). A TV, timidamente, descobriu que pode fazer o mesmo, seja ela com uma produção a partir da fantasia absoluta, seja com as miudezas da estética presente no cotidiano - e suas fraturas, naquelas quebras, movimentos e balanços do inusitado como enunciado por Greimas (2002).

³² A O2 é uma das produtoras brasileiras de maior sucesso. Em 2014 completaram 23 anos e já realizaram mais de 2.000 filmes publicitários, longa metragens, séries para TV, em vídeos para internet, desenhos animados, filmes institucionais, etc. São sócios na empresa, Fernando Meirelles, Andrea Barata e Paulo Morelli. *Lili, a Ex* é o título da série que esta sendo produzida pela O2 para a GNT.

Referências

AFP. **Vencedores da maior premiação da TV americana.** Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/veja-os-vencedores-do-emmy-2013-a-maior-premiacao-da-tv-americana-23092013>>. Acesso em 14\12\2013.

ANCINE. **Prepare a Pipoca.** Disponível em <<http://www.ancine.gov.br/sites/default/files/clipping/-2013-10-22-Prepare-ja-pipoca.pdf>>. Acesso em 21\12\13

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa:** do mercado de massa para o mercado de nicho. 5a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

AMERICAN HORROR STORY brasil. **Entrevista com Ryan Murphy.** Disponível em <<http://americanhorrorstory-br.com/entrevista-de-ryan-murphy-para-a-e/>>. Acesso em 24\11\2013.

AHSbr. **AHS: mil histórias.** Disponível em <<http://ahsbr.com/>> Acesso em 24\11\2013.

ARAÚJO, Luciana Corrêa de. **Os seriados norte-americanos e o cinema brasileiro dos anos 1920.** Contracampo: Revista do programa de Pós Graduação em Comunicação da UFF, Niterói: v.24, n.1, p.159-177, jul/2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/202/108>>. Acesso em: 8/01/2013.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BAHIANA, anamariS; **Em Mildred Pierce, todo o poder da vida de uma mulher**

Disponível em: <<http://anamariabahiana.blogosfera.uol.com.br/2011/04/04/em-mildred-pierce-todo-o-poder-da-vida-de-uma-mulher/>> Acesso em: 03/01/2014.

BANDEIRA, Ana Paula Bandeira; Escosteguy. Series **americanas não sabem lidar com pirataria.** Disponível em <<http://www.d24am.com/-plus/tv/sucesso-no-mundo-todo-series-americanas-ainda-nao-sabem-lidar-com-pirataria/96194>>. Acesso em: 01\01\2014.

BEMPARANA. **Séries nacionais invadem a TV.** Disponível em <<http://www.abpitu.com.br/noticia/series-nacionais-invadem-a-tvpfechada/>> Acesso em: 13/12/2013

BOBADILHA, Denize. **TV Incentiva sair do Armário.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq25049825.htm>> Acesso em: 16\12\2013.

BOUÇAS, Cibelle. **Preço da TV paga no Brasil está abaixo da média mundial, diz ABTA.** Disponível em <http://www.valor.com.br/empresas/3215992/preco-da-tv-paga-no-brasil-esta-abaixo-da-media-mundial-diz-abta> . Acesso em 16\12\2013.

CANNITO, Newton. **A televisão na era digitalinteratividade, convergência e novos modelos de negócios** Summus Editorial, 2010.

CARLOS, Cássio Starling. **Em tempo real: Lost, 24 horas, Sex and the city e o impacto das novas séries de TV.** SP: Ed. Alameda, 2006.

CARVALHO, Bruno; GARCIA, Davi. **O Ano da Dublagem Imposta na Sua TV!**

Disponível em: <<http://www.ligadoemserie.com.br/2012/01/2012-o-ano-da-dublagem-imposta-na-sua-tv/>> Acesso em: 03/01/2014.

CHRISTIAN, Aymar Jean February. **Is Hollywood Pushing Black Actors to TV?** Disponível em: <<http://tvisual.org/2011/02/17/is-hollywood-pushing-black-actors-to-tv/>> Acesso em: 12/01/2014.

CORREIA, Luciana. **Os seriados norte-americanos e o cinema brasileiro dos anos 1920.** Contracampo: Revista do programa de Pós Graduação em Comunicação da UFF Niterói: v.24, n.1, p.159-177, jul/2012. Disponível em: <

<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/202/108>>. Acessado em: 8 jan.2013.

DENNING, Mirtle. Disponível em <<http://denningsdaily.livejournal.com/267413.html>>. Acesso em: 12/01/2013.

EPISODIOEM FOCO. **Tabelas.** Disponível em <<http://www.episodioemfoco.-com/>>. Acesso em 13/12/2013

FIDELIS, Arthur. **A forte migração dos atores para a TV.** Disponível em <<http://cinemacomrapadura.com.br/colunas/series-tv/246692/seriestv-a-forte-migracao-dos-atores-de-hollywood-para-a-tv-americana/>>. Acesso em 12/12/2013

FURQUIM Fernanda. **Poucas e Boas da Mari** 7 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.poucaseboasdamari.com/2005/12/entrevista-fernanda-furquimseriesde-tv/>> Acessado em: 11 dez. 2012.

FURQUIM, Fernanda. **A 1ª Era de Ouro da TV Americana: 1958-1971.**

www.veja.abril.com.br. São Paulo, 24 abr. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/televisao/a-1%C2%AA-era-de-ouro-da-tvamericana-1958-1971/>>. Acessado em: 11 dez. 2013.

GITLIN, Todd. **Mídias Sem Limite: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GREIMAS, Algirdes Julien. **Da imperfeição.** São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GREY'S ANATOMY BRASIL. <Disponível em <http://www.greysanatomybr.com/?s=8+temporada&submit=Enviar>&paged=75>>. Acesso em 19/11/2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

HUFFINGTON **Ryan Murphy's 'American Horror Story' Dream Cast Includes Reese Witherspoon, Michelle Pfeiffer.** Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2013/11/25/american-horror-story-dream-cast_n_4338204.html> Acesso em: 05/01/2014.

JENKINS, Henry. **Textual Poachers: television fans & participatory culture.** New York: Routledge, 1992.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture: Where old and new media collide.** New York: New York University Press, 2006.

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Ed. Sulina, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Barcarolla, 2004.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério,** São Paulo, 2000.

MACHADO, Arlindo. **Modos de pensar a televisão.** Disponível em <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/modos-de-pensar-a-televisao/>> Acesso em: 30/01/2014.

MARTIN, Denise. **Ryan Murphy Dissects Glee and American Horror Story.** Disponível em <<http://www.vulture.com/2012/05/ryan-murphy-dissects-american-horror-story.html>> Acesso em 25/12/2013.

MCMANUS, BRIDGTE. **Big stars, small screen.** Disponível em: <<http://www.smh.com.au/entertainment/box-seat/big-stars-small-screen-20130829-2st85.html#ixzz2sDI8TZyY>> Acesso em: 12/12/2013.

MEDEIROS, Daniel. Disponível em: <<http://ahsbrazil.com/hunffington-post-elege-as-10-melhores-series-de-2012>> Acesso em 06/01/2014.

,R, Bruno. **Ianques em Casa.** Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/020610/ianques-em-casa-p-234.shtml>> Acesso em: 06/01/2014.

MELTON, Lori. **american-horror-story-jessica-lange-wins-golden-globe-photos.** Disponível em: <<http://www.examiner.com/article/american-horror-story-jessica-lange-wins-golden-globe-photos>> Acesso em: 12/01/2014.

M.NDONLINE. **fenomeno das séries de tv americanas** Disponível em <<http://m.ndonline.com.br/florianopolis/plural/86770-fenomeno-das-series-de-tv-americanas-chama-a-atencao-do-mercado-brasileiro.html>>. Acesso em: 13/11/2013

NATELINHA. **Fox quer adaptar séries de tvnp Brasil.** Disponível em <<http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2012/11/06/fox-quer-adaptar-series-americanas-de-sucesso-no-brasil--162153.php>>. Acesso em: 13/12/2013

PORTO, Ingo. **Quanto Custa uma Novela da Globo e seus Comerciais**. Disponível em <<http://www.olharempreendedor.com.br/2012/11/26/quanto-custa-uma-novela-da-globo-e-seus-comerciais/>>. Acesso em: 30\12\2013.

QUEIROZ, Daniel. **Fenomeno das séries de Tv americana**. Disponível em <<http://m.ndonline.com.br/florianopolis/plural/86770-fenomeno-das-series-de-tv-americanas-chama-a-atencao-do-mercado-brasileiro.html>> Acesso em: 13/12/2013

SERIEMANÍACOS. Disponível em <<http://seriemaniacos.com.br/historia-das-series-279417/>>. Acesso em 12\12\2013

SINGER, Beatriz. **Paixão por TV**. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/-artigos/qtv290820012.htm>>. Acesso em 12\01\2013.

SILVA, Ana; CUNHA, Carol. **Seriados recordistas da TV**. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br-/Materias/Post/49394>> Acesso em: 01/01/2014.

STYCER, Mauricio. Casal gay de “Amor à Vida” é mais uma “referência” a séries americanas. Disponível em <<http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2013/06/page/2/>>. Acesso em: 01/01/2014.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas: Ed. Papyrus, 2003.

TVGLOBO. **Frederico Fellini no cinema**. Disponível em <http://globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/v/federico-fellini-explicava-que-o-cinema-e-um-modo-divino-de-contar-a-vida/1335121>. Acesso 31/12/2013. Acesso em 4/10/2013. Acesso em: 01/01/2014.

VEJA. **Os atores mais quem pagos das séries de TV**. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/televisao/2013-os-atores-mais-bem-pagos-das-series-da-tv/>> um de seus grandes momentos no cinema.> Acesso em: 13/12/2013